

Amor e morte: uma análise do suicídio em Paripiranga através do periódico “O Paladino”.

Santana Santos, Igor.

Cita:

Santana Santos, Igor (2017). *Amor e morte: uma análise do suicídio em Paripiranga através do periódico “O Paladino”*. XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/188>

AMOR E MORTE: UMA ANÁLISE DO SUICÍDIO EM PARIPIRANGA ATRAVÉS DO PERÍODICO “O PALADINO”

Mesa 33
Igor Santana Santos
Centro Universitário AGES
santanaigor.s@hotmail.com

PARA PUBLICAR EN ACTAS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender as mentalidades e concepções relacionadas ao suicídio em Paripiranga-BA, analisando essas características a partir dos periódicos “O Paladino” publicados em meados da década de 20 do século XX. A partir da corrente historiográfica das mentalidades busca-se nesse relatório analisar o impacto das abordagens suicidas pela visão médica e de como afetavam a população paripiranguense em seus respectivos tempos a partir das abordagens de periódicos das maiores capitais brasileiras. Analisando o processo histórico e a representação do mesmo, consegue-se assim compreender melhor as concepções relacionadas a higiene mental, o amor como doença e o ato suicida como uma patologia a ser combatida e é a partir dessas análises que se consegue compreender os aspectos de poder da medicina em relação ao meio social, logo, a análise do suicídio em um viés histórico permite um diferente olhar acerca desse fato social que ainda é bastante presente na sociedade atual.

Palavras-chave: Suicídio; Medicina; Jornal; Paripiranga

INTRODUÇÃO

O estudo da morte tem sido aos poucos cada vez mais abordado pela Historiografia, ainda que tenha sido mais abordado no que se remete aos campos da História das Mentalidades ou da História Cultural. Ainda assim, os estudos têm dado abrangência ao estudo da morte natural e os ritos funerais, dando pouca importância ao suicídio, sendo que este além de um tipo de morte é um problema social que se mantém presente na sociedade atual.

O presente artigo aborda as concepções suicidógenas em Patrocínio do Coité (Paripiranga-BA) em meados da década de 20, a partir do periódico “O Paladino” demonstrando assim uma série de publicações de casos de suicídio neste periódico.

É importante enfatizar que dentre esse recorte temporal de 1920 a 1929 o Patrocínio do Coité deteve apenas de o primeiro caso já abordado na nota “Suicídio” de 1920, enfatizando que buscou-se nessa pesquisa outras fontes além dos jornais, entretanto, as únicas fontes referentes a suicídio foram encontradas em obituários que remetem a década de 40 e sendo assim não detém de uma significância para a análise deste artigo

Diante a isso, compreender o suicídio de uma perspectiva regional e histórica fornece a sociedade um melhor entendimento desse ato que ainda se mantém presente na atualidade, sendo não apenas um tipo específico de morte como também um problema social mediante ao valor que a vida detém.

1. A CONCEPÇÃO DE SUICÍDIO

O suicídio ou autodestruição é uma das formas mais antigas e criticadas acerca da morte do indivíduo, cultuada por alguns grupos como uma forma de salvação ou negada por outros sendo vista como um pecado. É um ato intrigante e cheio de dúvidas que sempre permearam e ainda permeiam a mente das pessoas. O que leva uma pessoa a tirar a própria vida? Qual o valor da vida? Qual o valor da morte? Morrer é a solução final para os problemas da vida?

É relevante analisar que a morte acidental não detém da mesma funcionalidade que o suicídio, pois as intencionalidades são diferentes, no suicídio o agente tem noção das consequências do seu ato, no qual sua ação irá decorrer conseqüentemente em sua morte.

São notórias as diferentes concepções acerca do suicídio em diferentes épocas e em diferentes grupos. Em algumas sociedades tribais da África o suicida é visto como um ser impuro e seu corpo não pode ser tocado, diferentemente da tribo indígena brasileira dos Zuruaha que detém de uma alta taxa de suicídios e não banalizam tal ato, como também a visão do suicídio visto como pecado para a Igreja Católica a partir de Santo Agostinho e a visão médica no final do século XIX de que o ato suicida era motivado pela loucura.

Mesmo com diferentes concepções é visível que as mesmas em seus respectivos tempos buscavam legitimar os ideais presentes em seu meio e assim exercer o poder através de um controle ideológico baseado na punição do corpo ou da alma. Segundo Kalina & Kovadlof (1983) Assim como nas sociedades rotuladas como “bárbaras” pelos gregos, como na hindu e egípcia, a indução aberta ao ato suicida por parte da comunidade tinha em si, um cunho cultural benfeito e legítimo, pois preservava em si a identidade do grupo.

2. A VISÃO SUICIDÓGENA MÉDICA E DA ABMH (1920-1947)

A partir da metade do século XIX com o predomínio da ciência como detentora do saber social, há uma mudança na mentalidade no que se refere a interpretação e ações

relacionadas ao suicídio, tendo agora em vez da Igreja e sua ação punitiva espiritual, a figura da ciência representada pelo médico, que a partir da cientificidade aborda um conhecimento aceito pela sociedade no que se refere a diferentes saberes da época, como também ao suicídio, tendo sua afirmativa no campo científico a partir das teses médicas das faculdades da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, acerca disso afirma LOPES (2003):

No século XIX quem ocupou esse papel foi o médico, aquele que detinha o saber científico sobre o corpo e as doenças. Assim constitui-se um novo domínio de objeto. A partir desse período, o médico social começou a afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas acerca do suicídio, constituindo-se como um tema científico e masculino (LOPES, 2003, p. 35)

É perceptível a presença da ciência e não de uma religião ao ressaltar as questões suicidógenas, ainda assim, a predominância religiosa se mantém dentro das próprias teses médicas como uma forma de reafirmar a ideologia punitiva de que a falta de religiosidade culminava no ato suicida.

Nesse período há uma maior preocupação em solucionar as questões referentes ao suicídio através da medicina, que para a época seria o meio científico mais concreto para se debater todas essas questões, sendo tal afirmação perceptível a partir das teses médicas da época, que buscavam através da Medicina Social construir um saber científico para a sociedade.

De acordo com FALK (2014) A medicina, então, passava a ter uma visão mais social, não considerando a doença como algo isolado, mas sim buscando controlá-la e impedir o seu surgimento. Essa ficou conhecida como Medicina Social, cuja influência vinha ocorrendo desde o século XIX e que consistia na intervenção médica no corpo social.

Além da medicina social e sua preocupação no âmbito de saúde social, havia também nesta mesma perspectiva higiênica o órgão da ABHM (A Liga Brasileira de Higiene Mental), que durou entre 1923 a 1947, sendo uma instituição focada na higienização mental da população, formada pela elite médica brasileira, como também por jornalistas, juristas, educadores e entre outros pertencentes à classe alta.

A higiene mental era uma preocupação mundial já que os asilos e hospícios estavam sendo questionados em relação a sua eficácia, se afirmava na época que a progresso da sociedade levaria à formação de pessoas degeneradas e loucas, e, nesse contexto, tais organizações buscavam através do âmbito social traçar medidas que possibilitassem uma sociedade melhor, como a construção de hábitos saudáveis através do processo educativo, a partir da educação higiênica.

Todavia, havia um pensamento eugênico por parte da ABHM, que defendia a purificação da raça, exclusão e esterilização dos “degenerados” para a época, como os leprosos, loucos, tuberculosos, cancerosos, prostitutas, deficientes mentais e vagabundos.

Nesse contexto, os objetivos da ABHM (1925) em seus estatutos eram:

[...] a) prevenção das doenças nervosas e mentais pela observância dos princípios da higiene geral e especial do sistema nervoso; b) proteção e amparo no meio social aos egressos dos manicômios e aos deficientes mentais passíveis de internação; c) melhoria progressiva nos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles; (BRASIL, 1925, p. 2)

E dentre esses degenerados se incluíam os suicidas, pois como já abordados, os mesmo iam defronte aos ideais da época, infringindo não apenas as lei divinas, como também higiênicas, pois para a mentalidade da época o ato suicida era uma doença séria que deveria ser eliminada da sociedade.

3. A MENTALIDADE DO SUICÍDIO NO “O PALADINO”

É perceptível a preocupação que a ABHM tinha em relação ao ato suicida, já que era notável o aumento de casos nas grandes capitais como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Paulo e Porto Alegre, nesses pressupostos a ABHM buscou desenvolver uma profilaxia do suicídio, ou seja, traçar métodos preventivos, como medidas higiênicas para evitar que o ato suicida não se propagasse, chegando até a relatar que as notícias em jornais deveriam ser censuradas de modo que não influenciasse novos casos.

Uma das preocupações mais presentes eram os suicídios passionais de jovens que em meio a desilusões amorosas poderiam cometer tal ato, a tentativa de enfatizar a diminuição de notícias de suicidas nos jornais tinha a finalidade de inibir o suicídio por imitação, ou seja, quanto menos conhecimento os jovens tivessem sobre suicídio, menos casos ocorreriam. Entretanto, é perceptível que mesmo com essas medidas preventivas afirmadas pela ABHM, os casos mais notórios em jornais e revistas acerca de pessoas que cometiam o ato suicida eram passionais.

Ainda assim, a preocupação acerca do ato suicida em Paripiranga era presente, mesmo que não tivessem uma grande presença no seu meio social, pois a partir de pesquisas no Fórum da Comarca de Paripiranga, que detém de fontes obituárias não foram encontradas outros casos de suicídio além do senhor Paulino José Sant’Ana.

Identificar as concepções e representações do suicídio a partir dos periódicos citados fornecem uma explicação acerca da mentalidade da sociedade paripiranguense nesse período, notando que o mesmo é construído através do que é abordado nas capitais como um exemplo maior a ser seguido, mediante que nas principais capitais há um número maior de suicidas, diferentemente de uma pequena cidade do interior como Paripiranga.

Ao se analisar as grandes capitais como Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo percebe-se um número alto de casos e uma série de publicações acerca dos mesmos, visto que além do suicídio ser frequente nessas capitais, a mentalidade de prevenção promovida pelos médicos e pela ABHM eram bastante frequentes, reafirmadas constantemente a partir de congressos e publicações em jornais de grande porte, além de deter dentre seus membros uma elite intelectual que conseqüentemente também detinha de um poder ideológico em suas afirmações no que se conota como deveria ser regido os métodos preventivos dos casos, como é perceptível tal afirmação na nota “Contra o suicidio” (1923):

A Liga Brasileira de Hygiene Mental empreendeu uma campanha contra o que classifica o “actual surto epidemico observado em nossa capital”, aprovado e fazendo inserir nos “Archivos Brasileiros de Hygiene Mental” o trabalho do dr. Xavier da Silveira, intitulado “Prophylaxia do Suicidio”. Nesse trabalho, o auctor estuda as características do suicidio em nosso meio, confrontando com o que se observa em outros paizes. Entre as medidas prophylacticas preconizadas pelo sr. Xavier da Silveira, incluem-se as noticias sobre suicidios publicadas pelos jornaes. A comunicação que a proposito do caso enviou à imprensa a Liga Brasileira de Hygiene Mental, finalisa com as seguintes palavras: - “E’ apenas a suppressão completa desse noticiario disselvente, omissido antes de tudo os nomes dos suicidas ou outros dados identificadores, que a Liga Brasileira de Hygiene Mental, fazendo-se interprete de uma aspiração secular dos alienistas e de todos os amigos da humanidade, vem pedir á esclarecida imprensa do Rio de Janeir, tão prompta sempre em amparar as causas de real proveito para o povo, de que é mentora legitima e constante. (LEPH-UniAges, N. 45, 1923)

Por serem grandes capitais e detendo de um maior contingente de pessoas, logo o número de suicidios é maior e detém de uma alta preocupação pelo contexto social da época, entretanto, o questionamento desse artigo se levanta no seguinte pressuposto do por quê de se abordar o suicídio no periódico “O Paladino” sendo que ocorreu apenas um caso em Paripiranga, diferentemente do exarcebado número de casos que ocorria nas principais capitais do Brasil na primeira república, como é perceptível na tabela abaixo:

TABELA COM O NUMERO DE SUICIDAS NO PAÍS ABORDADOS PELOS PERÍODICOS¹

¹ <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

	1920-1929
Rio de Janeiro	23790
São Paulo	14073
Salvador	32

O primeiro caso de suicídio a ser relatado nos jornais de Paripiranga remete ao início da década de 20, sendo este o único caso das publicações que remetem a um cidadão paripiranguense, tendo sido publicado no periódico “O Paladino”, com a seguinte nota “SUICIDIO” (1920):

Resolveu por termo a existência no dia 28 do mez passado Paulino José Sant’Anna, com 26 annos de idade, casado. Residia no Raso deste termo. Ignora-se por completo qual o desgosto que levou o infeliz homem a se atirar em tão profundo abysmo. A victima deixa cinco filhos menores, e vivia em pleno acordo com a sua esposa” (LEPH-UniAges, N.4, 1920)

Nesse pressuposto se levanta o questionamento. Por qual motivo o mesmo suicidou? Quais foram os motivos? O que faz um individuo que detém de uma vida aparente normal suicidar? Essas perguntas levam a construção de uma mentalidade preventiva nos vindouros periódicos, pois nota-se que as edições anteriores não apresentam nenhuma menção ao suicídio, seja em âmbito local ou nacional e mundial, visto que não havia uma preocupação do mesmo, mas no decorrer dos periódicos contínuos a esse há uma série de artigos referentes ao suicídio, mesmo que dentre a década de 20 houvesse apenas o caso do Sr. Paulino, desse modo, consegue-se perceber a relevância de se sanar esse mal da época, utilizando dos artigos e publicações como uma forma preventiva.

É importante ressaltar que o ato suicida era o “mal da época”, logo as constantes abordagens nos vindouros periódicos buscam alertar acerca desse mal e de como ele poderia afetar a população paripiranguense, principalmente aos jovens e seus romances “proibidos”, ou seja, que não seguissem a conduta moral da época, no qual essas abordagens preventivas são abordadas baseadas nas afirmações científicas no que se remete ao amor.

4. AMOR E MORTE

O amor tinha uma ênfase muito atenuada no que se refere ao suicídio, sendo este um dos maiores causadores dos casos apresentados nos jornais, desse modo, busca-se explicar o mesmo através de um próprio viés científico. A partir das análises dos jornais e da concepção médica da época que o suicídio em si é uma doença, logo o amor que em muitos casos que o motiva também é, sendo perceptível tal afirmação através da nota “É o amor uma doença?” (1920):

Responde pela afirmativa dois luminares da sciencia medica franceza, os drs. Fére e Fleury. Depois de minuciosos estudos, esses dois médicos declaram que, de observações realizadas em muitos anos, resulta que o amor é uma doença mental e physica, e dizem: “O amor é um bacilo que, todavia, não foi identificado ainda. É um veneno capaz de salvar ou de matar como a morfina. Excita frequentemente à prática de crimes horríveis. Muitos assassínios, que teem sido atribuídos a diversa causa, foram exclusivamente devidos ao bacilo do amor”. O dr. Fleury acerescenta: “Neste século XX, que devia ser um século de progresso, considera-se ainda o amor como uma paixão não prejudicial. Na realidade, o amor é uma das heranças mais perigosas que recebemos dos séculos da ignorancia e tem sido perpetuado e alimentado pelos poetas e literatos. Devia-se submeter-se o amor à inspenção de um Conselho da Saúde, dotado de amplas atribuições e de autoridade absoluta, porque o amor não passa de uma doença. É fora de duvida que o amor é ocasionado por um veneno, por um germen. (LEPH-UniAges, N.20, 1924)

É importante analisar os aspectos nesta nota e de como essas detêm de uma relação com o ato suicida, pois o amor “É um veneno capaz de salvar ou de matar como a morfina”, era notável desde o século XIX a partir do Romantismo um aumento do número de casos suicidas mediante ao decorrer de obras como o “Os Sofrimentos do Jovem Werther” e entre outras obras que enfatizam a morte e o amor exarcebado e que tinham “sido perpetuado e alimentado pelos poetas e literatos”, e tal fator culminava no fato de que essas publicações e abordagem “Excita frequentemente à prática de crimes horríveis”, sendo estes crimes passionais, como também o ato suicida.

Em meio aos pressupostos abordados percebe que, havia nos periódicos uma mentalidade do medo em relação ao suicídio, ainda que os casos fossem mínimos e tal mentalidade não ocorria apenas em Paripiranga, a construção da cientificidade do suicídio como uma doença patológica levaram a moldar um pensamento de que o mesmo poderia atingir qualquer indivíduo com a plenas faculdades mentais normais deixando de lado fatores sociais, psicológicos e culturais.

Percebe-se que as tentativas tomadas pela ABHM e o pensamento médicos que buscavam uma medicina social foram de opostos a sua finalidade de construir um melhor panorama social a partir das concepções higiênicas, entretanto, dentre das mesmas percebe-se também as concepções eugênicas, deixando de lado assim as minorias já ditas. Logo, um grupo

social da sociedade que busca apenas a melhoria de uma pequena parcela da mesma, visto que descartando as ditas minorias ficará impossibilitada de construir um melhor panorama social.

O que se percebe é que a partir de uma constante divulgação de notas de suicídios nos periódicos, percebe-se que há um temor, uma mentalidade do medo presente nestas abordagens, visto que os casos presentes na cidade são bem inferiores comparados as divulgações de casos dos suicidas, que na maioria são passionais.

Além de serem medidas ditas como higiênicas, é necessário que se compreenda estas como uma forma também de manutenção de poder da mentalidade vigente na época, as normas da ABHM correlacionam com os ideais da sociedade geral em si, pois “[...] os desenvolvimentos da medicina a medicalização geral do comportamento, dos discursos, dos desejos, etc., se dão onde os dois planos heterogêneos da disciplina e da soberania se encontram” (FOUCAULT, 1980, p.190)

O controle acerca dos métodos preventivos além de pertencerem a uma perspectiva higiênica também detinham de um perspectiva de poder a partir das normas e das publicações acerca de como a sociedade deveria encarar esse ato, partindo dos pressupostos do “amor errôneo”, ou seja, uma relação amorosa que não seguisse as condutas da época e de como ele poderia afetar principalmente os jovens.

Tanto nas capitais como na município de Paripiranga os casos de suicídio são frequentemente passionais referentes a jovens que em meio a suas aventuras amorosas proibidas cometem este ato que degradava os princípios morais da época. Fica perceptível a afirmação na nota “Amor e Morte” (1925):

Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Pedro Razzolani, cabaleheiro empregado no commercio, vinha, há cerca de quatro mez anos, es, desenvolvendo forte campanha de seducção em torno da senhorita Julieta Bastos, de 18 anos, sob promessas falazes de casamento. Desviada do caminho recto, a joven abandonou o lar, sendo alojada pelo seductor em uma pensão, esperando sempre que Razzolani cumprisse as suas promessas. Este, porém, para desembaraçar-se de sua victima, combinou-se ambos, para o que adquiriu certa poção de cyanureto de potássio, veneno violentíssimo. Para o bom efeito do seu sinistro plano, fingiu certa noite uma alteração com Julieta, a qual, desiludida, ludibriada, ingeriu o toxico vindo a falecer. A polícia prendeu Razzolani para completa elucidação do caso. (LEPH-UniAges, N.27, 1925)

A década de 20 é marca por uma série de mudanças no que se refere ao papel das mulheres na sociedade, com uma lenta abertura no trabalho e visibilidade social, ainda se mantinha o ideal da mulher dona de casa, moça de família, que deveria esperar respeitosamente pelo seu casamento com um bom moço de família. Essa visão era presente nos artigos referentes aos suicídios em casos românticos errôneos que levavam a morte dos indivíduos,.

As abordagens propagadas pelos jornais que traziam em alguns casos as discussões médicas sobre tal fato, visto que o conhecimento especializado acerca da profilaxia do suicídio ficava a cargo, como já abordado, pelos médicos que em suas teses exemplificavam os motivos que levariam o indivíduo a cometer o ato suicida. Em uma dessas teses o médico Quintino da Costa (1927) aborda sobre como a juventude é a mais afetada pelo suicídio e de como o mesmo se manifestava perante aos jovens:

A inexperiência em face dos problemas sociais, muitas vezes complicados que se atulharão ao jovem espírito não chegado ainda ao seu período de amadurecimento; a sedutora atração do vício e das más companhias a qual não se conseguem furtar alguns iniciantes na vida social; a ilusão falaz de que tudo continuará a sorrir como sorriu não raro, na fase ingênua da infância, e que os primeiros infortúnios virão desfazer brusca e pungentemente, são causas incontestáveis (COSTA, 1927, p. 01)

E as teses médicas da época dialogam constantemente com as notícias divulgadas nos jornais, todavia, há uma dicotomia nesse processo, enquanto a liga brasileira de higiene mental buscava a inibição de publicações sobre o suicídio, os periódicos continuam justamente fazendo o oposto e dando ênfase aos suicídios passionais, visto que estes causavam uma maior comoção e interesse aos leitores, ao mesmo tempo que servia de alerta para a sociedade de como esse mal atingia toda a sociedade, principalmente aos jovens que em meio as suas delusões amorosas poderiam cair na tentação do abraço da morte.

A romantização do suicídio era bem enfatizado e como já abordado a figura da mulher como uma das figuras que induziam o suicídio detinha de uma grande abordagem, faz-se necessário abordar que os casos tanto do final do século XIX ao início do século XX eram cometidos principalmente por homens que por não conseguiram estabelecer relações matrimoniais ou a correspondência de seus sentimentos por partes das suas amadas cometiam o ato, e em suas cartas e bilhetes escritos antes do ato, abordavam suas angústias e a motivação que os levavam a realizar o suicídio.

Dentre as notas encontradas nos periódicos do Paladino (1920 – 1929), as notas “Suicídio por amor” e “Abraçados na mesma corda” exemplificam bem como o amor pode levar o indivíduo ao extremo, tendo como única válvula de escape o ato suicida, ressaltando nas mesmas a mentalidade que se tinha acerca do romance proibido como fator importante para a indução do suicídio dos jovens.

Diante a isso, percebe na nota o “Suicídio por amor” (1926):

De bordo do vapor “Poconé”, quando em viagem do Rio á Bahia, a 1º do corrente, atirou-se ao mar, morrendo afogado, o praticante de piloto Mario Machado Espinca,

de 16 anos de idade, natural de Pernambuco. No seu espolio encontreram-se cartas dirigidas a Altina, e numa dellas a expressão: “ A mulher é a perdição do homem”. (LEPH-UniAges, N.14, 1926)

Assim como, na nota “Abraçados na mesma corda” (1925):

No lugar “Pedra de Guaratiba”, subúrbios do Rio de Janeiro, suicidaram-se um rapaz e uma senhorita, em circunstâncias inéditas. Serviram-se de um só galho de árvore, enforcando-se na mesma corda e abraçados. Odvardino Thompson e Luizinha Borges, nomes dos tresloucados, deixaram um bilhete narrando que tinham imensa paixão um pelo outro e pedindo que os seus haveres fossem entregues ao sr. José Borges Pinheiro, de Jacarépaguá. (LEPH-UniAges, N.44, 1925)

É perceptível em ambas a presença do amor como fator chave para o ato, sendo motivado pela figura da mulher como “perdição do homem” ou um romance “errôneo”, no qual ambos demonstram a mentalidade da época e de como ela era aplicada seja através dos periódicos ou das teses médicas.

5. O IDEAL FEMININO DEFRENTE AO ATO SUICIDA

Ao delinear o contexto da época percebe-se com uma maior propagação do ideal do feminismo de uma maior participação e busca por direitos na sociedade, todavia, a predominância da mentalidade tradicional ainda perdura no contexto geral brasileiro influenciado a partir do que era dito e divulgado nos periódicos cariocas, sendo isso bem nítido no que acontece com a mulher, sendo isso não muito diferente do que acontecia em Paripiranga.

De acordo com SOUZA² (2016) o jornal *O Paladino* ao trazer notícias de nível sejam eles nacionais ou internacionais, conotavam o ideal feminino detendo delicadeza e educação, partindo da concepção de que a mulher deveria seguir o padrão conservador no qual seria formada para o lar.

A formação desses valores conservadores conotam bem não só com as notas dos periódicos do *O Paladino*, partindo do pressuposto de que a visão micro se espelhava na visão macro, percebe-se em uma das notas do jornal carioca *A Manhã*, sendo esta *Com um tiro ao peito*³. A nota aborda o suicídio de uma mulher devido a um motivo banal, “Foi futilissimo o motivo. Maria da Encarnação, a hora do café, mostrou ao marido o modelo de um vestido que encomendara, na vespera, a uma costureira, D. Margarida Mangia. Sendo muito curto o

² Vanessa Nascimento Souza é historiadora graduada pelo Centro Universitário AGES, tendo seu tema de pesquisa de TCC voltada para o ideal feminino através do periódico *O Paladino*.

³ Com um tiro ao peito. *A Manhã*. (Edição 52). Página 00. Rio de Janeiro, 1926.

vestido o marido reprovou a escolha, estabelecendo-se ligeira alteração entre elle e sua esposa”. Por mais que a nota trate o motivo do suicídio como fútil, os apontamentos como o modelo do vestido e a alteração que pode ser passível ou não de agressão, não há fontes que afirmem isso, todavia, tais características pertencem a mentalidade no qual estava inserida e essas características exemplificam bem como a questão dos valores tradicionais estavam ligados ao ideal feminino, fugir do padrão, desrespeitar a família e se desvincular do conservadorismo levava a uma abordagem sempre relacionada a algo ruim e um desses seria o suicídio, principalmente o motivado por razões passionais.



FIGURA 01 - O suicídio romântico. *A Manhã*. Rio de Janeiro. Página 00. (Edição 31). 1926.

O ciclo do suicídio romântico não é só uma forma de satirizar os constantes relatos e notícias que eram cometidas acerca do ato, mas também serviam como uma forma de construir a mentalidade da época, o não seguimento das ordens familiares eram uma das causas principais que levavam os jovens em seus romances atenuados a suas próprias mortes, sendo sempre enfatizado o “amor errôneo”, ou seja, o namoro que não seguia os padrões implicados pelos familiares e que não vendo aceitação abraçavam o suicídio como uma forma de fuga.



FIGURA 02 - O suicídio da jovem Lucia, em Nictheroy. **A Manhã**. (Edição 19). Página 01. Rio de Janeiro. 1926.

Nesta nota, a jovem Alice se apaixona pelo Waldemar, a família inicialmente não aceita, mas vendo a perda de Alice e o sofrimento da mesma a família aceita, ainda assim, não aceitando as implicações paternas, que só aceitava que eles se comunicassem por telefone e que não se encontrassem a sós, tendo esse empecilho e vendo a dificuldade implicada pelo pai, ambos decidem fugir e suicidar no Alto das Paineiras. A simbologia construída em cima dos atos passionais, chamavam a atenção do público, uma perspectiva shakeesperiana atrai grande parte da população que ora se encantava outrora repudiava o ato. Nisso, os jornais se apropriavam dessa comoção popular para criticar, debater e questionar o suicídio, enfatizando constantemente além da loucura como fator principal para o ato, como também detalhes como ocorrência, motivação, local e ação do crime.

CONCLUSÃO

A construção histórica suicidógena busca alertar a sociedade atual das medidas construídas acerca da prevenção do suicídio, muito já se foi feito acerca dos alertas e campanhas, ainda assim, deve-se buscar ao máximo conscientizar todo panorama social acerca desse ato, o pensamento histórico serve como base para entendermos que assim como as minorias abordadas sofreram represálias, atualmente não é diferente, desse modo, o historiador

deve buscar em sua função construir um conhecimento significativo acerca do passado de modo que o mesmo seja útil para o presente é a partir desse pressuposto que o mediante trabalho detém de buscar a partir de mortes no passado ressaltar a importância das vidas no presente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-lei n. 4.778. *Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental*. Capítulo I: denominação, organização, sede e fins da Liga. Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 223-234, 1925.

COSTA, Quintino Castellar da. *Do suicídio e sua prophylaxia*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas (Cadeira de Medicina Legal). Faculdade de Medicina da Bahia. Salvador, 28 out. 1927, p. 01. LAPEH.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machad. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

KALINA, Eduardo; KOVADLOFF, Santiago. *As cerimônias da destruição*. Tradução de Sônia Alberti. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LOPES, Fábio Henrique. *A experiência do suicídio: discursos médicos no Brasil. 1830-1900*. Tese (Doutorado). São Paulo/Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.

FONTES

Com um tiro ao peito. *A Manhã*. (Edição 52). Página 00. Rio de Janeiro, 1926.

LEPH - UniAges. *Amor e Morte* – O Paladino – Patrocínio do Coité, 26 de abril de 1925 – Estado da Bahia – Anno VI – N.27.

LEPH - UniAges. *Abraçados na mesma corda* – O Paladino – Patrocínio do Coité, 20 de setembro de 1925 – Estado da Bahia – Anno VI – N.44.

LEPH - UniAges. *Contra o suicídio* – O Paladino – Patrocínio do Coité, 16 de setembro de 1923 – Estado da Bahia – Anno VI – N.45.

LEPH - UniAges. *É o amor uma doença?* – O Paladino – Patrocínio do Coité, 25 de maio de 1924 – Estado da Bahia – Anno VI – N.20.

LEPH - UniAges. *Suicídio* – O Paladino – Patrocínio do Coité, 12 de setembro de 1920 – Estado da Bahia – Anno I – N.4.

LEPH - UniAges. *Suicídio por amor* – O Paladino – Patrocínio do Coité, 16 de agosto de 1926 – Estado da Bahia – Anno I – N.10.

O suicídio da jovem Lucia, em Nictheroy. *A Manhã*. (Edição 19). Página 01. Rio de Janeiro. 1926.

O suicídio romântico. *A Manhã*. (Edição 31). Página 00. Rio de Janeiro, 1926.